

LAURA LYNNE JACKSON

Autora do best-seller *Sinais*,  
palestrante e médium credenciada pelo  
Centro de Pesquisa Windbridge

---

A LUZ  
• QUE NOS •  
UNE

---

Uma PONTE  
entre os que PARTIRAM  
e os que FICARAM



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2023

# SUMÁRIO

Introdução XI

---

## PARTE UM

---

- 1 VOVÔ 3
- 2 A MOÇA DO MERCADO 9
- 3 AUSTRÁLIA 13
- 4 O RAPAZ DE QUEM GOSTAVA 21
- 5 JOHN MONCELLO 29
- 6 LITANY BURNS 35
- 7 O CAMINHO À FRENTE 43
- 8 OXFORD 49
- 9 SEDONA 53
- 10 PERTURBAÇÃO 59

---

## PARTE DOIS

---

- 11 ABERTA ÀS POSSIBILIDADES 69
- 12 A CHEGADA 75
- 13 A TELA 81
- 14 AMAR E PERDOAR 87

15	AQUILO QUE É SEU	93
16	FAMÍLIA PARA SEMPRE	101
17	HÁ MAIS MISTÉRIOS ENTRE O CÉU E A TERRA	109
18	O QUEPE	115
19	A ÚLTIMA CRIANÇA	123
20	A ABELHA PRESA	129
21	OS DOIS METEOROS	137
22	WINDBRIDGE	145

---

## PARTE TRÊS

---

23	PÍER CANARSIE	157
24	RESOLVA A CHARADA	165
25	A DIRETORA	173
26	TOQUE OS FIOS	181
27	A FÊNIX	191
28	O BONSAI	199
29	EEGQ	209
30	INTERLIGADOS	217
31	A PISCINA	225
32	ANGEL WAY	229
33	A LUZ NO FIM DO TÚNEL	235
	Agradecimentos	245
	Sobre a Autora	253



# 1

## Vovô



**Q**uando eu tinha 11 anos, durante uma tarde ensolarada em uma quarta-feira de agosto, minha irmã, meu irmão e eu brincávamos na piscina de plástico de mil litros nos fundos de nossa casa em Long Island, Nova York. Como faltava poucos dias para o começo das aulas, tentamos nos divertir ao máximo. Minha mãe saiu de casa para dizer que visitaria nossos avós em Roslyn, que fica a cerca de cinquenta minutos de carro. Há anos, eu viajava com ela para ver meus avós; sempre amei acompanhá-la. Mas, ocasionalmente, conforme crescia e envolvia-me com outras atividades, minha mãe ia sozinha, deixando-nos para trás. Neste belo dia de verão, ela sabia que não tinha chance de nos tirar da piscina.

– Divirtam-se, crianças – exclamou. – Volto mais tarde. – E esse deveria ser o fim da conversa.

Mas então, de repente, surtei.

Senti intensamente nos ossos um pânico inexplicável e congelante. Atirei-me na piscina e gritei pela minha mãe.

– Espera! – gritei. – Preciso ir com você!

Minha mãe riu.

– Não tem necessidade, fique aí – disse ela. – Aproveite, o dia está lindo.

Mas eu já nadava furiosamente para a beira da piscina, enquanto meus irmãos se perguntavam o que tinha de errado comigo.

– Não! – berrei. – Quero ir com você! Por favor, por favorzinho, me espera.

– Laura, está tudo bem...

– *Não, mãe, eu tenho que ir com você!*

Ela parou de rir.

– Tudo bem, se acalme – disse ela. – Entre e se troque. Vou esperar.

Corri para dentro, pingando, vesti uma roupa qualquer, saí, também correndo, e entrei no carro meio encharcada; ainda em pânico. Uma hora depois, estacionamos na entrada da casa de meus avós e avistei meu avô – a quem chamava de Vovô – acenando para nós da varanda dos fundos. Apenas quando o vi e pude abraçá-lo, o pânico cedeu. Passei as horas seguintes na varanda com ele, conversando, rindo, cantando e contando piadas. Na hora de partir, dei-lhe um beijo e um abraço, e disse:

– Eu amo o senhor.

Nunca mais o vi vivo.

Não sabia que meu avô se sentia fraco e cansado. Os adultos nunca me diriam algo assim. Quando estávamos juntos naquele dia, ele se comportou como sempre – foi afetuoso, engraçado, brincalhão. Meu avô deve ter reunido todas as forças para parecer saudável para mim. Três dias depois da minha visita, consultou-se com seu médico, que deu a notícia devastadora que ele tinha leucemia.

Três semanas depois, ele se foi.

Quando minha mãe fez com que eu, minha irmã e meu irmão sentássemos no sofá e gentilmente nos contou que nosso avô tinha partido, senti um turbilhão de emoções. Choque. Confusão. Descrença. Raiva. Tristeza profunda. Uma sensação intensa e horrível de já sentir saudades dele.

O pior é que senti uma terrível e devastadora sensação de culpa.

No instante que descobri que meu avô tinha partido, entendi exatamente o porquê do pânico para vê-lo. Sabia que ele morreria.

Claro, não tinha como *saber* de fato. Nem sabia que ele estava doente. E, ainda assim, de alguma forma, eu sabia. Por que mais eu teria de vê-lo?

Mas, se soubesse, por que não teria tentado articular isso – para meu avô, minha mãe ou até para mim mesma? Não havia formulado um pensamento claro ou mesmo dado indício de que algo estava errado com meu avô, e não fui visitá-lo sabendo que seria a última vez que o veria. Misteriosamente, eu sabia. Não entendia o que se passava, mas isso fazia com que me sentisse horrivelmente desconfortável, como se eu fosse, de alguma forma, cúmplice no falecimento dele. Senti que tinha certa conexão com as forças cruéis que tomaram sua vida e isso fez com que me sentisse inimaginavelmente culpada.

Comecei a pensar que algo estava muito errado comigo. Nunca conheci quem pudesse sentir quando uma pessoa morreria, então, quando aconteceu comigo não consegui entender. Tudo que sabia é que era uma coisa horrível de se saber. Eu me convenci de que não era normal; estava amaldiçoada.

Uma semana depois tive um sonho.

No sonho, eu já tinha crescido e era atriz. Morava na Austrália. Usava um vestido longo, colorido, no estilo do século XIX e me sentia bonita. De repente, senti uma preocupação desconcertante com minha família – a mesma família que eu tinha na vida real. Neste sonho, senti meu coração parar e desabei no chão. Tinha noção de que estava morrendo.

Ainda assim, não acordei – o sonho continuou. Senti que deixava meu corpo físico e tornava-me uma consciência flutuante, capaz de observar tudo ao meu redor. Vi minha família reunida ao redor do meu corpo no cômodo onde caí, em prantos. Estava tão triste de vê-los em tal sofrimento que tentei falar com eles.

– Não se preocupem, estou viva! A morte não existe! – disse.

Mas foi em vão, porque eu não tinha mais voz – eles não conseguiam me ouvir. A única coisa que podia fazer era projetar meus pensamentos na

direção deles. E então comecei a me distanciar, como um balão de gás hélio que alguém soltou, e flutuei bem, bem acima deles, em direção ao escuro — uma penumbra densa e pacífica com luzes belas e cintilantes por todos os lados. O forte sentimento de calma e contentamento passou sobre mim.

E exatamente neste momento, vi algo incrível.

Vi o meu avô.

Ele estava ali, no espaço à minha frente, ainda que não em seu corpo físico e sim em espírito — que era belo, inegável e inteiramente dele. Minha consciência de imediato reconheceu a dele. Era um ponto de luz, como uma estrela brilhante na escuridão do céu noturno, mas a luz era poderosa e magnética, impelindo-me em sua direção, preenchendo-me de amor. Era como se eu estivesse vendo sua versão verdadeira — não seu corpo terreno, mas ao invés disso, visse o brilho maior, interno, que era ele de verdade. Via a energia de sua alma. Entendi que ele estava a salvo e em um lugar bonito, abundante em amor. Entendi que ele estava em casa e, naquele instante, também entendi que este era o lugar de onde nós viemos, o lugar onde pertencemos. Tinha voltado para o lugar de onde veio.

Ao perceber que este era o meu avô e que ele ainda existia de alguma forma, fiquei menos triste. Senti muito amor, conforto e, naquele momento de reconhecimento, grande felicidade. E, antes de ser atraída para casa junto com ele, senti algo me cercar e puxar-me de volta.

Então, acordei.

Sentei-me na cama. Meu rosto estava úmido. Estava chorando. Mas não estava triste. Eram lágrimas de alegria. Estava chorando, pois tive a chance de ver meu avô!

Deitei e chorei por um longo tempo. Foi-me mostrado que a morte não significa perder quem amamos. Sabia que ele ainda estava presente em minha vida. Sentia-me muito grata pelo meu sonho!



Foi apenas após muitos, muitos anos mesmo, que adquiri experiência o suficiente para entender o que a passagem de meu avô e os eventos que aconteceram durante esse tempo significaram na minha vida.

O que eu senti na piscina foi o começo da viagem de sua alma para outro lugar. Por amá-lo tanto – por estar conectada a ele de forma tão poderosa –, minha alma pôde sentir que a dele embarcaria em uma jornada. E sentir isso não era uma maldição, de forma alguma. Permitiu-me passar aquela última tarde mágica com ele. Se isso não é um dom, o que seria?

E o sonho?

O sonho me convenceu de uma coisa – que meu avô não se foi. Apenas estava em outro lugar. Mas onde exatamente?

Não podia responder aos 11 anos. Porém, com o passar do tempo, percebi que estava no Outro Lado.

O que quero dizer com Outro Lado?

Tenho uma analogia simples para explicar isso. Pense que seu corpo é um carro – novo no início e depois mais velho, muito velho. O que acontece com os carros quando envelhecem muito? São descartados.

Mas nós, humanos, não somos descartados como carros. Seguimos em frente. Só continuamos. Somos superiores ao carro e nunca fomos definidos pelo dito objeto. Somos definidos pelo que levamos conosco quando deixamos o carro para trás. Duramos mais que o carro.

A minha experiência me mostra que existimos além de nosso corpo. Seguimos. Continuamos. Somos superiores ao nosso corpo. O que nos define é o que levamos quando deixamos nosso corpo – nossas alegrias, nossos sonhos, nossos amores, nossa consciência.

Não somos corpo com alma.

*Somos alma com corpo.*

Nossa alma é conservada. Bem como nossa consciência. E a energia que nos fortalece. O Outro Lado é, então, o lugar onde nossa alma vai quando nosso corpo se exaure.

Isso traz muitas perguntas à tona. O Outro Lado é um lugar? É uma esfera? Um reino? É material ou espiritual? É um lugar de passagem ou um destino? Qual sua aparência? Como é o sentimento de estar lá? É cheio de nuvens douradas e portões iridescentes? Lá tem anjos? Deus está lá? É o paraíso?

Adquiri minha compreensão sobre o Outro Lado devagar e, mesmo hoje, tenho certeza de que sei apenas uma pequena porção do que se conhece sobre isso. Mas não preciso imaginar ou entender o Outro Lado para receber grande conforto dele. De fato, muitos já acreditam que nossos entes queridos que fizeram a passagem ainda estão conosco – em espírito, em nosso coração, trazidos de volta à nossa vida pelas memórias. E essa crença prospera sem previsão de fim.

A realidade do que acontece com nossos entes queridos que se vão, no entanto, é infinitamente mais reconfortante do que as pessoas percebem, porque as almas que partiram estão mais próximas do que pensamos.

Aqui estão as duas primeiras verdades que aprendi através do meu dom:

1. Nossa alma é conservada e volta ao lugar que chamamos de Outro Lado e
2. O Outro Lado é realmente muito próximo.

Quão próximo? Tente isso: pegue uma folha de papel. Agora a segure à sua frente, como se a estivesse lendo. Perceba como ela se torna uma fronteira que divide nitidamente o espaço em que se encontra. Pode ser ínfima e frágil, um punhado de fibras de celulose juntas em uma trama, mas, ainda assim, é inegável que seja uma fronteira. De fato, como uma fronteira, a folha divide uma grande quantidade de moléculas, átomos e partículas subatômicas. Quando a segura na sua frente, você e bilhões de coisas estão no mesmo lado e bilhões de outras coisas – cadeiras, janelas, carros, pessoas, parques, montanhas e oceanos – estão do outro.

E, ainda assim, do seu lado da folha, você pode ver, ouvir e acessar o outro lado com bastante facilidade – na verdade, alguns dos seus dedos já estão lá, segurando o papel. Os lados podem estar separados mas, na prática, são a mesma coisa. O outro lado do papel está *logo ali*.

Conforme esbarrar no termo “Outro Lado” durante este livro, tenha em mente aquela folha de papel. Pergunte-se: *“E se a fronteira entre a vida terrena e o pós-vida for tão fina e permeável como uma folha de papel?”*

*“E se o Outro Lado estiver logo ali?”*



## 2

# A Moça do Mercado



**M**uito antes do incidente da piscina, eu já era uma criança peculiar.

Era hiperativa e instável. Tinha reações extremas a coisas corriqueiras. *“Quando Laura está feliz, ela é a criança mais feliz que já vi”*, minha mãe escreveu no diário do bebê sobre meu primeiro ano de vida. *“Mas, quando está triste, ela é mais infeliz do que qualquer criança poderia ser”*.

Muitas crianças são inquietas e enérgicas, mas eu tinha um motor interno que estava em constante agitação e que era impossível desligar. Na primeira semana do 1º ano, minha mãe recebeu uma ligação da enfermeira da escola.

– Darei a boa notícia primeiro – disse a enfermeira. – Conseguimos parar o sangramento.

Dei de cara na escada no playground, o que resultou um corte profundo na testa. Minha mãe me levou ao médico, que me deu sete pontos.

Na semana seguinte, fiz uma birra gigantesca no meu quarto porque minha irmã foi convidada para ir à piscina do vizinho e eu não. Derrubei a escada da beliche, que era pesada e de madeira, e ela me acertou na parte de trás da cabeça. Minha mãe me levou de novo ao médico, que me deu mais três pontos, sentou-se com ela e começou a fazer perguntas complicadas.

Eu era um tiquinho de gente, pequena e magricela para minha idade; uma fofinha de cabelo loiro com franja que podia ser um terror. Minha mãe tinha de me segurar pelo braço ou pela perna para conseguir me vestir. Se ela me soltasse

por um segundo, eu sumia. Constantemente, batia de cara nas coisas – portas, paredes, caixas de correio, carros estacionados. Minha mãe tirava os olhos de mim por um instante e em seguida ouvia o baque da colisão. A princípio, ela me abraçava e acalentava-me, mas, depois de um tempo, seu discurso se tornou um: “*Poxa, Laura Lynne deu com a cara na parede outra vez*”.

Quando me irritava com a minha irmã mais velha, Christine, batia os pés no chão e baixava a cabeça, correndo em sua direção como um touro. Ou me chocava contra ela e a derrubava, ou ela pulava para longe e eu saía voando.

– Vá para o seu quarto – dizia minha mãe – e não volte até agir como gente de novo.

No entanto, o pior castigo de todos era mandar eu ficar sentada.

Quando eu fazia algo particularmente ruim, minha mãe me fazia sentar em uma cadeira e não me mexer. Não era durante uma hora ou sequer dez minutos; ela me conhecia bem. Minha punição era ficar sentada por um minuto.

E, mesmo assim, era muito tempo. Eu nunca conseguia.

Pensamos em nós mesmos como sólidos, estáveis, seres materiais. Mas não somos.

Como tudo no universo, somos compostos de átomos e moléculas que estão constantemente vibrando de energia e, portanto, em constante movimento. Tais átomos e moléculas vibram em diferentes intensidades. Quando olhamos para uma cadeira maciça não parece que os átomos e as moléculas que a compõem estão se movendo. Mas estão. Toda a matéria, a criação, a vida é definida por esse movimento vibracional. Não somos tão sólidos quanto pensamos ser. Basicamente somos energia. Creio que minha movimentação vibracional quando jovem era mais intensa do que a de outras crianças.

Fora isso, tive uma infância bastante normal. Cresci em uma vila de classe média, adorável e arborizada, chamada Greenlawn, em Long Island. Meu pai é um imigrante húngaro de primeira geração que lecionava francês para o ensino médio, e minha mãe, cujos pais vieram da Alemanha, foi uma professora de inglês de ensino médio que ficou em casa para criar seus três filhos antes de voltar ao trabalho.

Não éramos pobres, mas o dinheiro era contado. Tinha de esperar para cortar o cabelo e usava as roupas de segunda mão da minha irmã. Minha mãe se dedicou a nos dar a infância mais maravilhosa possível. Se ela não conseguisse custear brinquedos novos, fazia carros, trens e cidades em papelão pintados com cores brilhantes. Todos os dias, ela desenhava cenas e personagens na embalagem do nosso lanche. Nos feriados e aniversários, ela decorava a casa. Em uma das festas de Christine, confeccionou lindas boinas para ela e todos seus amigos. Ela nos manteve longe da TV e nos encorajou a ser criativos. Christine e eu desenhávamos e pintávamos e, certa vez, abrimos nossa galeria de arte (dez centavos por obra-prima). Minha mãe fez nossa infância parecer mágica.

Ainda assim, não há como negar que eu era difícil e diferente.

Um dia, aos 6 anos, minha mãe foi ao mercado comigo. Enquanto esperávamos na fila, fui acometida por uma emoção. Queria explodir de chorar. Era como estar em uma praia e ser atingida por uma onda enorme de emoção que me derrubou, por seu caráter forte e inquietante. Fiquei ali, sentindo-me insuportavelmente triste e confusa. Não comentei com a minha mãe. Então minha atenção foi atraída para a caixa.

Ela era jovem, talvez estivesse no início de seus 20 anos, e de aparência comum. Não franzia o rosto ou chorava, parecia entediada. Mas eu sabia que não era só tédio. Ela era a fonte da tristeza horrível que eu estava sentindo.

Foi inegável que eu estava absorvendo a tristeza da caixa. Não sabia o que isso significava ou o porquê disso acontecer. Não sabia nem se era incomum ou não. Tudo que sabia é que sentia sua tristeza, que era extremamente desconfortável e confusa, e que eu não sabia como interromper a sensação.

Eu viria a ter muitas experiências como esta. Às vezes, enquanto andava ao lado de um estranho na rua, era acometida de uma forte carga de raiva ou ansiedade. Outras vezes, eu absorvia as emoções dos meus amigos e colegas. A maioria dessas experiências foram difíceis e infelizes. Mas também conseguia sentir emoções felizes.

Quando estava perto de alguém particularmente feliz, sentia-me exultante de forma positiva. Era como se as emoções não só migrassem para mim, mas também se intensificassem quando as recebia. Às vezes, sentia alegria pura e desenfreada, que claramente precisava de uma resposta menos extasiante. Momentos simples e felizes, como compartilhar um sorvete com os amigos, nadar em um dia de verão, sentar com a minha mãe sorridente, poderiam me inundar de euforia e fazer meu ânimo ir às alturas.

Hoje ainda consigo evocar esses momentos de felicidade e minha tendência à hiper-reatividade ainda está ali. Por vezes, apenas ouvir uma música, ler um poema, ver uma pintura ou mesmo morder algo delicioso, faz com que sinta explosões de alegria e bem-estar. É como se nesses momentos simples, sentisse minha conexão com o mundo mais intensamente.

Na infância, isso significava ir de extrema felicidade à depressão, dependendo de quem estivesse por perto. Tinha quedas abruptas, seguidas por uma subida exuberante, seguida de outro mergulho – era uma montanha-russa de mudanças de humor. Comecei a me preparar para essas mudanças emocionais e aprendi a esperar que passassem, até ser capaz de recuperar o equilíbrio.

A percepção de que absorvia os sentimentos de outras pessoas foi um grande passo para entender por que eu sentia emoções tão voláteis. Mas se passariam anos até que eu descobrisse que essa minha estranha habilidade na verdade não era tão estranha e tinha um nome: empatia.

Empatia descreve nossa capacidade de entender e compartilhar as emoções dos outros. Houve experimentos científicos revolucionários, em particular o de dois neurocientistas, Giacomo Rizzolatti e Marco Iacoboni, que demonstraram que o cérebro de alguns animais e de quase todos os humanos contém células chamadas neurônios-espelho, que são ativadas tanto durante a execução quanto na percepção de uma atividade.

– Você me ouve com voz embargada devido ao sofrimento emocional, pois os neurônios-espelho em seu cérebro simulam minha angústia – explicou Iacoboni. – Você sabe como me sinto porque literalmente sente o que eu sinto.

A empatia é uma das formas que estamos profundamente conectados enquanto seres humanos. É a razão pela qual sentimos alegria quando nosso time favorito ganha – porque, embora não estejamos disputando, rapidamente absorvemos o júbilo dos jogadores. É a razão que nos motiva a doar dinheiro para vítimas de tragédias a um mundo de distância – porque podemos nos colocar no lugar de um estranho e sentir seu desespero.

Em outras palavras, seres humanos estão conectados de forma significativa e crucial. Existem caminhos reais e vitais entre nós.

A princípio, experimentei esses caminhos como tristeza e alegria compartilhadas. Mais tarde, podia ver fios de luz nos unindo. Minha compreensão de que estamos conectados começou naquele dia no mercado e cada experiência que se sucedeu aprofundou minha compreensão sobre a luz entre nós.



### 3

## Austrália



**N**a época em que meu avô faleceu, eu já tinha percebido minha intensa conexão com as pessoas ao meu redor — era tão forte que eu não conseguia evitar os sentimentos e as emoções deles. Mas, após a sua morte, quando o vi naquele sonho, comecei a notar que também estava, de alguma forma, conectada às pessoas que já fizeram a passagem.

Tudo isso era muito confuso. Embora vê-lo de novo tenha sido um presente, minhas habilidades ainda pareciam mais uma maldição do que uma benção. Elas me confundiam e com frequência me sobrecarregavam. O que significavam os fios e por que podia notá-los? Será que eu era só estranha e diferente? Ou algo mais estava acontecendo? Precisava de um nome para descrever o que havia de errado comigo. Foi quando, sem saber de fato o que a palavra significava, consegui um diagnóstico. Aproximei-me da minha mãe quando ela colocava os pratos na lava-louças e disse:

— Mãe, acho que sou sensitiva.

Não lembro quando ou como descobri o que significava ser sensitiva. Talvez em um programa de TV ou lendo um livro. É fato que não entendia bem o que isso significava, mas saber que um sensitivo poderia prever acontecimentos era o suficiente para mim. Não era isso o que eu era capaz de fazer?

Minha mãe parou o que estava fazendo e fitou-me. De repente, as palavras saíram uma atrás da outra — contei-lhe tudo. Sobre saber que o vovô

faleceria, como o vi em um sonho e sobre a culpa e o medo que nutria. Conforme falava, comecei a chorar.

— O que tem de errado comigo? — perguntei. — Sou uma pessoa ruim por saber disso? A morte dele foi minha culpa? Estou amaldiçoada? Por que não posso só ser normal?

Minha mãe pôs a mão em meu ombro e me fez sentar à mesa da cozinha. Então segurou minhas mãos entre as dela.

— Escuta — disse, — a morte do seu avô não é sua culpa. Você não está amaldiçoada e não tem por que se sentir culpada. Você tem uma habilidade extra, só isso.

Foi a primeira vez que ouvi alguém se referir à minha condição dessa forma.

— Essa é apenas uma parte sua, mas todas são bonitas — disse minha mãe. — É algo natural, não sinta medo disso. O universo é maior do que pensamos.

Então minha mãe me contou algo que mudou tudo. Parece que as habilidades que tenho compõem seu lado familiar há gerações.

Sua mãe, Babette, a quem conheço como Omi, foi uma entre dez crianças criadas em um vilarejo entre montanhas na Baviera. Quando Omi era jovem, tempestades intensas ficavam presas entre as montanhas e descarregavam sua fúria no vale. Com frequência, os pais de minha avó a acordavam no meio da noite para que se vestisse e estivesse pronta para fugir caso um raio caísse na casa deles.

Por sua vila ser isolada, o contato de Omi com o mundo externo era limitado. Não havia telefones nem rádios. Ela foi criada com lendas, folclore e superstições. Aprendeu que ver uma aranha antes do café da manhã significava um longo dia de má sorte. Passar à esquerda de uma ovelha era boa sorte enquanto o oposto acontecia se passasse pela direita. Nunca colocava seus sapatos sobre a mesa para não atrair novidades ruins e se durante o dia ela ligasse as luzes sem motivo, faria os anjos chorarem. Se esquecesse algo em casa, o melhor a se fazer era girar três vezes, sentar e contar até dez antes de continuar sua jornada após recuperar o item.

O pior de tudo era encontrar um pássaro dentro de casa. Era indicativo de morte certa de alguém próximo.